

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO
E LETRAMENTO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL
BILÍNGUE PARA SURDOS**

Zanado Pavão Sousa Mesquita (UEMASUL)

zanado.mesquita@uemasul.edu.br

Dayane Pereira Barroso de Carvalho (UEMASUL)

dayane.carvalho@uemasul.edu.br

Maria da Guia Taveiro Silva (UEMASUL)

maria.silva@uemasul.edu.br

RESUMO

A educação bilíngue para surdos é um direito linguístico adquirido pelo povo surdo, a partir de lutas travadas por décadas no Brasil. No contexto do bilinguismo – duas línguas envolvidas na educação de surdos – LIBRAS e língua portuguesa (normalmente na modalidade escrita) se faz necessário compreender como se dá as práticas pedagógicas no que diz respeito à alfabetização e ao letramento, das línguas envolvidas e como essas práticas contribuem para que a leitura e a escrita desses alunos sejam solidificadas desde a tenra idade. Com isso, esse trabalho tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas de alfabetização e letramento de alunos surdos em uma escola municipal bilíngue para surdos da cidade de Imperatriz-MA. Como metodologia, este estudo é qualitativo de abordagem etnográfico. Como instrumento de construção de dados utilizaram-se o diário de bordo e entrevistas semiestruturadas a professores da escola. Para fundamentar o trabalho têm-se autores da alfabetização geral e autores dos estudos surdos, sendo eles Botelho (2013), Fernandes (2006), Koch e Elias (2008), Soares (2003; 2005), e Strobel (2008), entre outros. A relevância deste estudo se dá pela compreensão dos aspectos envolvidos na alfabetização e letramentos de surdos haja vista suas especificidades linguísticas e culturais no que tange às adaptações curriculares. Assim, ele poderá contribuir para e na educação do povo surdo.

Palavras-chave:

Escrita. Leitura. Adaptações curriculares.

ABSTRACT

Bilingual education for the deaf is a linguistic right acquired by deaf people, after many years of struggle in Brazil. In the context of bilingualism – two languages involved in the education of the deaf – LIBRAS and Portuguese language (usually in written form) it is necessary to understand how pedagogical practices take place considering alphabetization and literacy in the languages involved and how these practices contribute so that reading and writing abilities of these students can be consolidated from an early age. Therefore, this work aims to analyze the pedagogical practices of alphabetization (i.e., teaching writing with phonetic association) and literacy of deaf students in a bilingual public school for the deaf in Imperatriz-MA. With respect to methodology, this study is qualitative with an ethnographic approach. The source of

data collection was the logbook and semi-structured interviews with teachers from the referred school. It was used as reference authors from the literacy field and authors of deaf culture as, Botelho (2013), Fernandes (2006), Koch and Elias (2008), Soares (2003; 2005), and Strobel (2008), among others. The relevance of this study is focused on understanding the aspects involved in alphabetization and literacy of the deaf from the perspective of their linguistic and cultural specificities in terms of curriculum adaptations and thus he will be able to contribute in the education of the deaf people.

Keywords:

Reading. Writing. Curriculum adaptations.

1. Introdução

A formação docente tem sido um tema corriqueiro nas temáticas referentes à educação devido à urgência em formar indivíduos que sejam críticos, formadores de opinião e conscientes da função individual enquanto cidadãos. A educação, assim, possui um espaço central das discussões dessa formação, uma vez que, a família como base da sociedade tem visto na escola a esperança para um futuro promissor para seus filhos. Com isso, contribuir para a construção de uma sociedade que atenda às demandas modernas, sobretudo, às econômicas. Essa perspectiva inclui os surdos.

Partindo do viés histórico, os surdos foram indivíduos presentes na sociedade brasileira que sofreram de exclusão e invisibilidade imposto pela sociedade, destacando a educação como um espaço de afirmação dessas desigualdades. A partir de muitas lutas e tentativas de equiparação de uma educação de qualidade para os alunos surdos, surge a educação bilíngue, sendo vista como um marco na história de luta e resistência da comunidade surda do Brasil.

Na educação bilíngue, os alunos surdos são incentivados a utilizar a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS como língua de instrução de todos os comandos do espaço educacional. A língua portuguesa, por sua vez, deve ser ensinada como segundo língua aos surdos, normalmente na modalidade escrita, mesmo tendo escolas bilíngues que, também, oferecem o ensino da modalidade oral da língua portuguesa para diversificar os meios de comunicação do aluno surdo. Neste caso, sendo opcional aos alunos e condicionada à escolha dos familiares.

Este trabalho tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas de alfabetização e letramento de alunos surdos em uma escola municipal bilíngue para surdos da cidade de Imperatriz-MA. Como metodologia,

este estudo é qualitativo de abordagem etnográfica. Como instrumento de construção de dados utilizou-se o diário de bordo e entrevistas semiestruturadas com professores da escola. Vale destacar que os dados foram construídos a partir da realização dos Estágios Supervisionados *in lócus*, para compreender como se davam as práticas de alfabetização e letramento para alunos surdos.

Para o aprofundamento dessa temática foram feitas considerações com autores da área de alfabetização e letramento e com autores da educação de surdos, tendo como foco a educação bilíngue para surdos. Dentre eles pode-se destacar Botelho (2013), Fernandes (2006), Koch e Elias (2008), Soares (2003, 2005), e Strobel (2008), entre outros.

A relevância deste estudo se dá pela compreensão dos aspectos envolvidos na alfabetização e letramentos de surdos haja vista suas especificidades linguísticas e culturais no que tange às adaptações. Assim, ele poderá contribuir para e na educação do povo surdo.

Portanto, este trabalho mostrou a importância da imersão, da sociedade; de pesquisadores, em ambientes de educação bilíngue, para surdos, com o objetivo de vivenciar as dificuldades enfrentadas pelos alunos e pelos professores. A educação dos surdos, ainda, enfrenta a falta de materiais específicos, as dificuldades linguísticas de aquisição da LIBRAS e da Língua Portuguesa. Problemas que devem ser ressaltados, mas, sobretudo, as possibilidades das práticas pedagógicas em alfabetizar e letrar alunos surdos a partir dos recursos tidos pelo povo surdo como artefatos culturais, partindo da visão dos conhecimentos concretos para se alcançar êxito nos conhecimentos abstratos.

2. *Concepções de alfabetizar e letrar*

A sociedade moderna tem imposto demandas aos indivíduos para atender às novas mudanças de comunicação e desenvolvimentos exigidas pelos países de primeiro mundo. Com as mudanças na comunicação foram criadas exigências quanto às formas de participação na sociedade, como indivíduos autônomos e críticos.

A implementação do termo alfabetização está, também, relacionada aos aspectos da cultura, da economia, das concepções, dos costumes e crenças, entre outros fatores. A alfabetização e o letramento são termos indissociáveis. “Alfabetização e letramento são interdependentes e indis-

sociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvido no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita.” (SOARES, 2017, p. 45).

Se faz necessário apresentar os termos alfabetização e letramento a partir da visão de diferentes autores tentando descrever as nuances e diferenças em que os autores elencados atribuem para alfabetização e letramento.

Para Cagliari (1989), o processo de alfabetização é o mais importante na vida escolar de uma pessoa. É semelhantemente ao surgimento da escrita, que foi um marco na história da humanidade. O autor ainda comenta que o domínio da escrita está centrado nas classes sociais privilegiadas e, que talvez seja por isso que ocorre a valorização da alfabetização pelos indivíduos, pois “isso representa o compartilhamento do poder e do poder do saber” (CAGLIARI, 1989, p. 10).

Ainda descrevendo sobre os processos de alfabetização o autor aponta o valor da leitura para que se consiga escrever sem dificuldades. Ele menciona, ainda, que muitas atividades passadas na e pela escola em forma de texto são realizadas sem sentido, sem motivação, mas a leitura, por sua vez, precisa ser uma tarefa que tenha propósito e sentido, e que sem esses atributos a escrita não será desenvolvida em sua plenitude. “A leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido. O objetivo da escrita (...) é a leitura.” (CAGLIARI, 1989, p. 149).

Assim, percebe-se que na concepção do autor ser alfabetizado é mais do que estar preparado para a leitura de textos científico-literários; é fazer leitura dos elementos da sociedade correndo para a perspectiva do letramento, a partir das práticas sociais. Mesmo o autor não utilizando o termo letramento, mas é possível perceber as nuances dessa ideia presente no texto. Ainda sobre a importância da leitura, para a escrita (e por fim para a alfabetização), é possível situar os sujeitos surdos nesse contexto.

Sua língua de acesso à informação é a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, sendo que de maneira geral eles possuem dificuldade em escrever em português o seu pensamento que se processo em língua de sinais, porém precisam da compreensão da leitura para conseguirem ler nomes de ruas, placas de ônibus nomes de comércios, por exemplo.

Neste sentido, a alfabetização é um processo que se inicia muito antes da entrada da escola, nas leituras que o sujeito faz do mundo que o rodeia, através das diferentes formas de interação que estabelece. Se a língua escrita constitui-se “objeto” de uso social no seu contexto, os atos da leitura

e escrita com os quais interage podem levá-lo à elaboração de estruturas de pensamento que permitam compreendê-la e paulatinamente apropriar-se dela. Quando chega à escola, o sujeito vai estar em algum momento desse processo de compreensão. Assim, se vier de um ambiente social alfabetizado, já terá certamente pensado sobre este objeto de conhecimento. Contudo, se vier de um ambiente analfabeto ignora-o e precisa fazer da escola o caminho que o outro vem fazendo desde o nascimento. (MOLL, 1996, p. 70)

O texto da autora mostra que, a alfabetização acontece antes de o indivíduo ir para a escola; a partir do contato com ambientes linguísticos favoráveis. Nos ambientes linguísticos pré-escolares não favoráveis à alfabetização o indivíduo deverá fazer um esforço a mais para acompanhar as demandas de alfabetização impostas pela escola. Dos alunos surdos inseridos nas escolas regulares inclusivas e/ou especializadas, a maioria é de filhos de pais ouvintes, o que dificulta ainda mais o processo de alfabetização e letramento de alunos surdos⁴⁰⁴.

Segundo Garcia *et al.* (2012), a alfabetização se concentra na classe dominante e o Brasil é um país que “contribui para a manutenção daqueles que detiveram o poder”. Para a autora, os excluídos do poder são também aqueles excluídos do acesso aos bens materiais e também aos bens culturais, mesmo sendo indivíduos que produzem bens materiais e culturais.

Garcia *et al.* (2012), ressaltam que a

Alfabetização é um processo contínuo, que acompanha o processo mais amplo de busca e construção de conhecimento inerente a todo ser humano que vive em uma sociedade letrada. [...] a alfabetização não tem início a partir da entrada da criança na escola e na primeira série, como querem alguns, mas vem acontecendo desde que a criança nasce, e, segundo as últimas pesquisas, antes mesmo de ela nascer. (GARCIA *et al.*, 2012, p.13)

A partir da concepção dos autores se percebe que o termo alfabetização está vinculado às práticas de uso da língua antes mesmo de a criança ir para a escola. Assim, é importante salientar que o termo letramento surge a partir do termo alfabetização, para designar o uso da escrita ortográfica (alfabetização) nas práticas sociais (letramento).

Para Soares (2005),

⁴⁰⁴ Assunto a ser abordado no capítulo 3 deste texto em que será apresentado as possibilidades de alfabetização e letramento em uma escola de ensino especializado para surdos. Por hora nos ateremos ao conceito de alfabetização e letramento proposto nesta discussão.

[...] o termo alfabetização designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica. O domínio dessa tecnologia envolve um conjunto de conhecimentos e procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação quanto às capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita (SOARES, 2005, p. 24)

Segundo a autora, a alfabetização se dá a partir da apreensão, compreensão e uso das técnicas de escrita alfabético-ortográfica, e chama a atenção para os “domínios dessa tecnologia”. Ela, ainda, aponta a necessidade de os alunos conseguirem manipular os instrumentos da escrita. Esses instrumentos podem ser entendidos como o domínio do sistema alfabético-ortográfico para trazer emancipação social e criticidade nos indivíduos nas interfaces de conhecimento em que se estar inserido.

O letramento pode ser entendido como uma forma a mais do que somente saber ler e escrever; é trazer uma leitura de mundo e levar o indivíduo a ser autônomo e crítico frente às demandas impostas pela sociedade, conforme compreendido por Soares (2005):

É para essa nova dimensão da entrada no mundo da escrita que se cunhou uma nova palavra, letramento. O conceito designa, então, o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita. Assim, para corresponder adequadamente às características e demandas da sociedade atual, é necessário que as pessoas sejam alfabetizadas e letradas; no entanto, há alfabetizados não letrados e também é possível haver analfabetos com um certo nível de letramento. (SOARES, 2005, p. 50)

Partindo desse pressuposto se observa que o letramento é um termo que abarca não apenas a escola, mas os diversos ambientes em que o indivíduo está inserido. Com isso, a maioria dos espaços em que o indivíduo está inserido pode ser ambientes de letramento, participação e criticidade nas mais diversas áreas de conhecimento. Os indivíduos surdos, por exemplo, estão em expressiva circulação nas feiras, supermercados, igrejas, política, mercado de trabalho, em passeio pela cidade, lendo nomes de lojas, folhetos e ruas, dentre outros, mesmo a língua portuguesa não sendo a língua natural de comunicação, pelos pares surdos. Estes e outros ambientes são possíveis espaços de formação de leitores letrados, que participam das relações sociais.

Por sua vez, os surdos são detentores de uma língua visuoespacial – a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), de uma cultura própria e bastante diferente da cultura da pessoa ouvinte. Strobel (2008, p. 6) postula

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

que o povo surdo pode ser definido como um “grupo de sujeitos surdos que tem costumes, história, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua concepção de mundo através da visão”.

Neste contexto, Soares (2003) ressalta o progresso que a diferença de concepção do termo alfabetização em relação ao termo letramento no Brasil. Antes, os indivíduos eram considerados alfabetizados pela leitura e escrita de bilhetes curtos; simples para serem considerados letrados a partir não só do domínio de textos mais complexos, com a conexão da leitura e escrita, mas com o uso destas nas práticas sociais.

Ademais, surge a pluralidade do termo passando a ser letramentos, por não haver apenas uma forma de se “fazer letrar”, mas diversas formas que podem atender às demandas específicas de diferentes indivíduos heterogenizados na sala de aula. Para Koch e Elias (2008), a leitura não deve ser vista apenas como decodificação de signos, mas como ato de produzir sentido, por meio do qual o aluno/leitor assume papel mais ativo.

Na educação de surdos a leitura e escrita não ocorrem a partir da oralidade e sim da visuoespacialidade e nesse sentido Fernandes (2006) destaca as implicações da alfabetização para o aluno surdo. Dentre elas percebe-se a especificidade do aluno surdo quanto aos processos de alfabetização no que diz respeito à fonologia das palavras, utilizando a oralidade. Para a autora não há conhecimento prévio dos sons das palavras para o aluno surdo. Outro aspecto destacado é a falta de interação do aluno surdo com seus familiares e a impossibilidade de relacionar palavras com iniciais de objetos, pela falta de estímulo linguístico nessa correlação.

Em seu quadro, Fernandes (2006) destaca as implicações da aprendizagem da leitura para os surdos, que muitas vezes ocorre como sem sentido, pela necessidade do contato visual com os significados das palavras. Antes de conhecerem a palavra/os substantivos é necessário eles conhecerem as imagens dessas palavras.

Quadro 01: Implicações do processo de alfabetização para os alunos surdos.

Procedimentos adotados na alfabetização	Implicações para a aprendizagem de alunos surdos
▪ Parte-se do conhecimento prévio da criança sobre a língua portuguesa, explorando-se a oralidade:	▪ Não há conhecimento prévio internalizado; a criança não estrutura narrativas orais e desconhece o universo “folclórico”

narrativas, piadas, parlendas, trava-línguas, rimas, etc..	co” da oralidade.
<ul style="list-style-type: none">▪ O alfabeto é introduzido relacionando-se letras a palavras do universo da criança: nomes, objetos da sala de aula, brinquedos, frutas, etc. Ex. A da abelha, B da bola, O do ovo...	<ul style="list-style-type: none">▪ Impossibilidade de estabelecer relações letra x som; a criança desconhece o léxico (vocabulário) da língua portuguesa, já que no ambiente familiar sua comunicação restringe-se a gestos naturais ou caseiros (na ausência da língua de sinais).
<ul style="list-style-type: none">▪ As sílabas iniciais ou finais das palavras são destacadas para a constituição da consciência fonológica e percepção que a palavra tem uma reorganização interna (letras e sílabas).	<ul style="list-style-type: none">▪ A percepção de sílabas não ocorre já que a palavra é percebida por suas propriedades visuais (ortográficas) e não auditivas.
<ul style="list-style-type: none">▪ A leitura se processa de forma linear e sintética (da parte para o todo); ao pronunciar seqüências silábicas a criança busca a relação entre as imagens acústicas internalizadas e as unidades de significado (palavras).	<ul style="list-style-type: none">▪ A leitura se processa de forma simultânea e analítica (do todo para o todo); a palavra é vista como uma unidade compacta; na ausência de imagens acústicas que lhes confirmam significado, as palavras são memorizadas mecanicamente, sem sentido.

Fonte: Fernandes (2006, p. 7 e 8 – grifo da autora).

É possível se observar, no Quadro 01, que o processo de alfabetização dos alunos surdos possui implicações completamente divergentes da alfabetização dos alunos ouvintes (alunos não surdos). Compreender essas especificidades é importante para se oferecer uma educação de qualidade a essa segmentação de alunos, além de se entender que a alfabetização sem adaptações para os alunos surdos poderá prejudicar o processo de letramento que se almeja desenvolver.

Fernandes (2006), ainda, descreve passos para a alfabetização de alunos surdos almejando o letramento a partir da leitura. Sendo, a contextualização visual do texto (primeiro contato do aluno com o texto para percepção dos elementos verbais e não verbais do texto), exploração do conhecimento prévio e dos elementos intertextuais (uma leitura “sem compromisso” na decodificação das palavras, mas para explorar as informações), identificação de elementos textuais e paratextuais (uma percepção mais aguçada e detalhada dos elementos do texto), leitura individual/leitura em grupo (reflexão das informações relevantes do texto) e a (re)elaboração escrita com vista a sistematização (leitura e escrita são indissociáveis, pois para se ter propostas de escrita é necessário que o aluno explore elementos de textos lidos anteriormente. É necessário

conhecimento prévio e da realidade social na qual o conhecimento se insere).

3. *Práticas pedagógicas de alfabetização e letramento no contexto da educação bilíngue para surdos*

Esse trabalho se desenvolveu em uma escola municipal bilíngue para surdos localizada no município de Imperatriz, Maranhão, que possui cerca de 59 alunos surdos, atendendo-os em turmas do maternal ao quinto ano. A escola possui, ainda, uma turma de Educação de Jovens e Adultos e conta com uma sala de recurso com atendimento no período matutino e vespertino.

As turmas-alvo da pesquisa foram a do II período da Educação Infantil (que possuía em sua constituição quatro alunos surdos, com faixa etária entre cinco e sete anos), e do 4º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais (três alunos surdos de onze a treze anos).

A professora da turma de Educação Infantil é ouvinte, mas fluente em LIBRAS e possui formação em Pedagogia, especialização em Educação Especial e Inclusiva e especialização em LIBRAS, além de estar concluindo mais duas especializações, uma é voltada para o ensino da LIBRAS como língua materna para surdos, e a outra, direcionada aos aspectos tradutórios e interpretativos da LIBRAS para o Português, e docência em LIBRAS. Esta professora é uma militante no processo de alfabetização de crianças surdas no município.

A professora do 4º ano, também, é ouvinte e fluente em LIBRAS, com formação em Pedagogia e pós-graduação na Docência e Tradução/Interpretação da LIBRAS–língua portuguesa. Ela milita na educação de surdos no município, há cerca de oito anos.

Os instrumentos principais da pesquisa foram a observação e entrevista. Esse momento de observação e vivência na sala de aula foi motivado pela busca de respostas para as seguintes questões norteadoras, propostas para o período de Estágio Supervisionado: como se trabalha com alunos surdos em uma escola bilíngue? Quais as principais metodologias do ensino em uma escola com esse perfil, entendendo que a principal língua de acesso à informação não é o português? Em que consiste as práticas e adaptações curriculares bilíngues presentes na escola?

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Assim, com as observações pudemos perceber desde a relação das professoras com os alunos, a rotina da sala, a forma de organização dos planos de aula na prática docente, as atividades lúdicas trabalhadas em sala, até o contato com diferentes disciplinas.

Quanto ao primeiro questionamento em como se trabalha com alunos surdos em uma escola bilíngue? As informações que puderam contribuir para sua resposta se evidenciaram logo no início das observações. Percebeu-se que a LIBRAS é usada com os alunos tendo a língua portuguesa como segunda língua, usada somente na modalidade escrita.

Assim, é válido ressaltar que, nas turmas observadas nesta escola, as informações para os alunos surdos ocorrem por meio da LIBRAS, que é a via de comunicação com eles. O ideal seria que todas as escolas, principalmente as que têm alunos surdos, tivessem educadores fluentes em LIBRAS para encaminhar o processo de ensino e aprendizagem, o que é um fato na prática de todas as salas dessa instituição de ensino.

Na escola observada, logo na chegada, os alunos são recepcionados em sua língua de uso. Em seguida, é apresentada a rotina diária consistindo em perpassar pelo mural de “Rotina Diária”, o qual possui imagens dos momentos do dia-a-dia, o que inclui desde o momento de acordar, tomar café, ir para à escola até o momento de jantar com os familiares e dormir. Logo após, vem o “Mural do Tempo”, o qual sugere que os alunos devem olhar para o céu e verificar se está nublado, chovendo ou ensolarado. Nesse mural, há sinais em LIBRAS para a facilitação da percepção. Os alunos deviam marcar qual estado o tempo estava confirmando, conforme a sua percepção. Continuando a acolhida, há um “Calendário”, no qual os alunos sinalizam o dia da semana, a data e mês, a partir das imagens descritas em LIBRAS. Após esse momento, os conteúdos de sala são iniciados e as disciplinas do dia se seguem, como mostra a Imagem 01.

Imagem 01: Mural de “Rotina Diária” (II Período) e Mural do Tempo (4º Ano).



Fonte: pesquisa.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Um dos acordos feitos entre o estagiário e as professoras foi que no dia de estágio seriam trabalhados os componentes curriculares, de forma alternada. Assim, foi possível trabalhar Língua Portuguesa, Matemática, História/Geografia, Ensino Religioso e Arte.

Esta experiência proporcionou o conhecimento das especificidades do trabalho com alunos bilíngues destacando-se a visualidade como principal característica, pois as atividades deveriam ser ilustradas, não apenas com as imagens, mas com os sinais das imagens e explicação em vídeos, em LIBRAS ou ilustrações dos conteúdos. Assim, surge a necessidade de uso de metodologias de ensino que primeiro trabalhem a visualidade a ser descrita, a seguir, entendendo que a principal língua de acesso à informação na escola desses alunos não é o português, mas a LIBRAS.

Nesse contexto, o processo de ensino se desenvolveu da seguinte forma: apresentação de imagens dos conteúdos e, posteriormente seus sinais em LIBRAS. Como se tratava de alunos do II período e do 4º ano, apresentava-se a forma escrita do português, mas dando ênfase, prioritariamente, ao sinal em LIBRAS, por meio da decodificação.

Nas aulas do componente curricular Língua Portuguesa, por exemplo, eram apresentados além da decodificação dos conteúdos, aspectos de ludicidade. A sala de recurso da escola possui jogos de memória e quebra-cabeças para fixação, por exemplo, das vogais, consoantes e junção silábica. A maioria deles sinalizados em LIBRAS, facilitando a compreensão dos temas/dos conteúdos, pelos alunos.

Imagem 02: Jogo de memória utilizado na aula do componente curricular LIBRAS (Turma do 4º ano).



Fonte: pesquisa.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A Imagem 02 mostra o material ilustrativo para uso nas aulas. É válido destacar a importância da ludicidade nas aulas de Matemática do II período. Nessas aulas, os alunos conseguiram assimilar o conteúdo: unidades e dezenas com a utilização do “material dourado”. A sequência numérica, também, foi estudada pelos alunos, com ludicidade. Através de um desenho pontilhado e números espalhados no chão os alunos conseguiam sequenciar numerações estudadas em sala, assim como observar seus sinais em LIBRAS para, posteriormente, escrever na numeração arábica.

Vale ressaltar que ao final de cada aula eram dados exercícios de fixação e estes deveriam ser adaptados para a LIBRAS. Essa adaptação ocorria com a interposição de imagens, em LIBRAS, dos principais sinais referentes aos assuntos. Essas imagens deveriam ser selecionadas, ampliadas e coladas às atividades.

Em uma situação de implementação de um simulado em uma das turmas pôde-se extrair a seguinte conversa entre um aluno surdo e a professora regente.

Aluno surdo: Ufa! Que bom que são apenas questões de marcar. Se fosse de escrever seria muito ruim. Eu não gosto não.

Professora: Por que você acha melhor as questões objetivas de A, B, C, D?

Aluno surdo: Porque não gosto de escrever texto. Marca é melhor.

O aluno diz não gostar de escrever textos, porém a escrita é rejeitada também por uma boa parte dos alunos, que não são surdos, nas avaliações. A preferência pelas opções de múltipla escolha entre os estudantes surdos pode ocorrer devido à dificuldade de abstração da língua portuguesa. A LIBRAS é a língua natural das comunidades surdas do Brasil. Ela exige grau de abstração diferente do da língua portuguesa. Por exemplo, se a avaliação fosse em vídeo, e a compreensão do aluno sobre o assunto fosse requerida, talvez, esse aluno poderia fazer uma avaliação mais significativa, já que estaria em sua língua.

Segundo Botelho (2013), é uma realidade muito comum entre surdos que estudam, passar por situações semelhantes à contida no dado, uma vez que se os surdos não tiveram acesso à língua e à linguagem oralizada desde a tenra idade, fica mais difícil para internalizá-la, depois. Assim, não é possível que o surdo leia e escreva com qualidade semelhante aos usuários que têm situação diferente da deles.

A mesma autora cita, de maneira ilustrativa, a fala de Frederico (nome fictício para um dos seus sujeitos de pesquisa):

Frederico, o filho surdo de pais surdos, também lidou com a escrita nas provas da pesquisa como se travasse uma verdadeira batalha para escapar do que tomava como incompetência pessoal intrínseca. A todo momento dizia que detestava escrever, e que Português era muito difícil. Tinha problemas especialmente para iniciar, e contou o quanto estava acostumado a perguntas de múltiplas escolhas. Tentou convencer-me de que seu texto era sempre desorganizado e confuso, além de ser evidente a vergonha em relação ao que escrevia. Narrou uma estória sobre uma escola regular onde fora aluno, quando a professora solicitara a leitura de um livro. Era “grosso”, contou Frederico, e não entendeu nada; por isso desistira. (BOTELHO, 2013, p. 47-9).

Autora ratifica que as dificuldades dos surdos do Brasil em aprender a língua portuguesa está relacionada aos atrasos históricos na educação e inserção do surdo na sociedade. O congresso de Milão/Itália (1880), por exemplo, proibiu o uso das línguas de sinais em todo o mundo no que diz respeito à educação. Aqui no Brasil o reflexo dessa decisão durou até meados de 1970 e a oralização foi o principal meio de ensino a alunos surdos. Falas como a de Frederico está “carregada” de traumas a partir de suas experiências não favoráveis no contato com a língua portuguesa e de metodologias inadequadas.

Tanto na fala do surdo em que tivemos a oportunidade de traduzir a prova quanto na citação da experiência de Botelho (2013) pode-se constatar que muitos surdos no Brasil lidam com o português como segunda língua, em uma relação desconfortante. Mesmo Frederico tendo o pai e mãe surdos não garante o acesso à língua de sinais e à língua portuguesa efetivamente, uma vez que vai depender das trocas de experiências entre esses pares surdos e do nível intercultural que seus pais têm para lhe transmitir informações referentes aos dois mundos: o mundo surdo e o mundo ouvinte.

Em se tratando da prática de adaptações curriculares bilíngues presentes na escola, apresenta-se um exemplo de atividade, na Imagem 03.

Imagem 03: Atividade adaptada (Turma do II Período).



Fonte: pesquisa.

Nessa atividade, observa-se algumas adaptações feitas para alunos surdos do II período que precisam ser destacadas. A escola não recebe livros adaptados para trabalhar especificamente com o par linguístico LIBRAS/Língua portuguesa. Esta atividade foi retirada de um site de atividades para o II período e escolhida devido à ludicidade das imagens e da vinculação com a temática do dia: conhecendo o “H”. Posteriormente, a atividade foi adaptada para a LIBRAS com a colagem dos sinais das imagens. Assim, os alunos surdos puderam conhecer o sinal, a imagem e o nome da palavra.

Em se tratando de adaptação, foi perguntado para duas professoras da escola sobre quais adaptações curriculares elas fizeram, que mais se enquadraram na especificidade do aluno surdo, e foi obtido como resposta:

Professora 1: Literatura surda, adaptei os clássicos para dentro da realidade dos surdos. Além disso evitar “encher quadro”, pois o surdo não deve se transformar em copista. Mas compreender o que é proposto no currículo escolar utilizando ao máximo a LIBRAS e lógico, fazendo os registros necessários em português.

Professora 2: Desde 2006 quando entrei na educação de surdos eu não tinha muita habilidade e de lá para cá houveram muitas adaptações de currículos, de conteúdo, porque não há materiais, sendo que atualmente já encontramos alguns materiais adaptados, mas até 2009 não havia adaptação, então tínhamos de adaptar todos esses materiais, não havia nessa época educação bilíngue, apenas um ensino de adaptação para surdos (...)

As professoras revelam fazer uso de interessantes estratégias de adaptação. O que elas dizem sobre o trabalho que fazem, mostra que,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

embora não haja uma política que, de modo satisfatório, atenda aos alunos surdos no ensino, elas procuram fazer o que é possível para que haja aprendizagem. Elas procuram incluir no processo os alunos surdos, que se encontram na sala de aula que trabalham.

É animador perceber que mudanças estão ocorrendo, nas salas de aula que recebem alunos surdos, mesmo que não seja da forma ideal. Animador porque no cotidiano da sala de aula, as práticas e as adaptações pedagógicas bilíngues presentes na escola devem consistir em trazer para a realidade linguística, da sala, os conteúdos que são imprescindíveis para o desenvolvimento escolar de qualquer aluno. O trabalho com alunos surdos requer um pouco mais de atenção quanto à questão da visualidade de imagens, objetos e materiais que tragam da realidade de suas vivências para os conhecimentos curriculares.

Imagem 03: Imagens utilizadas no componente curricular Língua Portuguesa com o tema de “Conjugação Verbal (Turma do 4º Ano).



Fonte: pesquisa.

Percebe-se que esta atividade mostra ação. A partir dessa atividade pôde-se trabalhar os verbos com os alunos desta turma. Ressalta-se a visualidade nas ações das imagens. Elas podem ser úteis não só para os alunos surdos. Nesta atividade ocorreu um diálogo entre os alunos e o professor para que se conseguisse chegar a uma “conclusão” de quais sinais, e posteriormente, quais nomes as imagens representavam. Logo após, os alunos deveriam escrever uma história com um ou mais verbos representados nas ilustrações.

Deve-se apontar que os alunos surdos têm, como qualquer outro aluno, capacidade cognitiva suficiente para trazer assuntos do concreto para o abstrato. Essa capacidade ocorre quando a língua de acesso às informações é respeitada, usada e divulgada.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A escola em que se realizou a pesquisa, quanto às adaptações curriculares possui um ambiente linguístico que consegue incluir os alunos surdos de diferentes faixas etárias aos conhecimentos sistematizados que a sociedade cobra. Diante dessa cobrança, se levanta a seguinte problematização: a sociedade está preparada para receber uma pessoa surda nos seus mais diversos espaços?

Outra questão relevante é a falta de participação dos pais e/ou responsáveis em receber esses alunos surdos em um ambiente linguístico favorável no seio familiar. Na verdade, de pouco adianta se ter um ambiente escolar linguisticamente “confortável” e inclusivo se a própria família não faz uma extensão dessa prática no ambiente familiar. O apoio dos pais de aluno surdos, de escolas bilíngues, se percebe como essencial, mais necessário quando comparado ao requerido pelos outros tipos de escola. É necessário que os próprios profissionais percebam a diferença para a própria práxis.

As professoras entrevistadas destacaram a característica da escola bilíngue em comparação com as escolas de alunos ouvintes. Elas dizem disseram o seguinte:

Professora 1: Pedagogia visual, utilização de dois idiomas ao mesmo tempo, a saber: língua de sinais e a língua falada no país, na modalidade escrita.

Professora 2: É o desenvolvimento da comunicação, a criança chega na escola, mas ela não tem conhecimento nenhum da sua língua, a não ser a gestual, quando ela tem um pai surdo que conhece a língua de sinais, já chega na escola sabendo de algum conhecimento, mas como a maioria dos pais da criança surda são ouvintes, percebemos que essa criança já chega tardiamente na escola com um pequeno retardo, mas a principal especificidade da educação desse aluno surdo seria: ter o contato com a língua, aprender a sinalizar e comunicar para que depois eu [como professora] possa trabalhar a escrita da língua do país.

Contudo, não há dúvidas de que a proposta bilíngue de educação para surdos foi um avanço da comunidade surda, pois representou os anseios de uma educação que os surdos queriam. Ainda se tem muito o que melhorar, porém, é importante notar que o surdo tem ganhado muitos avanços quanto à sua inclusão na sociedade. A escola bilíngue para surdos da cidade de Imperatriz-MA é um exemplo disso, e tem como principal característica o uso da LIBRAS na estimulação precoce das crianças surdas até o quinto ano do Ensino Fundamental, tendo o português como segunda língua somente na modalidade escrita. Depois dessa etapa, os alunos devem ser conduzidos à proposta inclusiva, mas, anteriormente,

sua língua precisa ser adquirida e estruturada. Processo que deve ocorrer em um ambiente que tenha uma abordagem bilíngue preparando-os para as outras etapas do ensino.

Diante do exposto, pode-se dizer que na escola campo deste estudo, as adaptações curriculares eram feitas, visando à aprendizagem dos alunos surdos. Nas escolas regulares de alunos ouvintes as adaptações também são corriqueiras, porém, não se tem necessariamente a preocupação de adaptar de uma língua para outra. Na escola bilíngue, que também é uma escola regular de ensino especializado, as adaptações ocorriam para que o direito linguístico dos alunos surdos fossem garantidos e assim os métodos de ensino coincidissem com a cultura surda através dos aspectos visuais.

Portanto, se observou que na escola pesquisada é constante a prática de adaptação de matérias para atender aos direitos linguísticos dos alunos, pois ainda não se tem livros e materiais específicos para essa modalidade de escola. Para se alcançar êxito, de fato, na educação de surdos, ela deve ser pensada e implementada a partir da legislação recente vigente. Com esse trabalho, percebe-se que a educação bilíngue para surdos não é apenas necessária, mas possível de ser implementada. Nela, os surdos poderão ter seus direitos linguísticos de imersão em sua língua natural para desenvolver a alfabetização e o letramento e, assim, contribuir para a construção da sociedade, como cidadãos críticos e participativos.

4. Considerações finais

Este trabalho, que analisou as práticas pedagógicas de alfabetização e letramento de alunos surdos, mostrou a importância da atenção dada a este tipo de aluno. As práticas pedagógicas, sobretudo, as adaptações curriculares; as adaptações das atividades visando à aprendizagem do aluno surdo é algo que merece ser ressaltado. Tudo feito para que haja coerência no ensino específico desse público-alvo, os alunos surdos. Na educação, a visualidade tem um valor que não se pode mensurar, principalmente quando se trata do ensino da leitura e da escrita.

Alfabetizar e letrar na educação bilíngue para surdos é mais do que ensinar a ler e a escrever, significa o estabelecimento de uma relação intercultural entre a cultura surda e a cultura ouvinte, para que os surdos,

primeiramente, se apropriem de sua cultura para, depois, interagirem com a cultura do outro, no caso, com a cultura ouvinte.

Como já dito, o objetivo desse trabalho foi analisar as práticas pedagógicas de alfabetização e letramento de alunos surdos em uma escola municipal bilíngue para surdos da cidade de Imperatriz-MA. Constatou-se que a escola desenvolve práticas de alfabetização e letramento adaptadas na cultura surda. Na turma de II período, as práticas eram voltadas para a aquisição linguística, memorização e apreensão dos saberes de leitura e escrita. Na turma de 4º ano, as práticas pedagógicas visavam à estimular os alunos a desenvolverem a capacidade de leitura e escrita da língua portuguesa, a partir do reforço da língua de sinais, utilizando-se da compreensão e produção de textos e, posteriormente, da vinculação dos conteúdos propostos à vida externa escolar.

Portanto, a alfabetização e o letramento são vistos como primordiais na sociedade moderna e a escola bilíngue para surdos se apresenta como um ambiente favorável para a equidade linguística quanto aos processos de alfabetização e letramento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, Paula. *Linguagem e letramento na educação de surdos: ideologias e práticas pedagógicas*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 160 p.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & Linguística*. São Paulo, Scipione, 1989.

FERNANDES, Sueli. *Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos*. Curitiba: SEED, 2006. Disponível em: http://www.cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/Fernandes_praticas_letamentos-surdos_2006.pdf. Acesso em: 4 mar. 2019.

MOLL, Jaqueline. *Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender*. Porto Alegre: Mediação, 1996.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Maria V. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2008.

SOARES, Magda Becker. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. *Revista brasileira de educação*, p. 5-71, Minas Gerais, outubro, 2003.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Alfabetização e letramento: caderno do professor*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

STROBEL, Karin Lilian. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 4. ed., 1. reimp. Florianópolis: UFSC, 2018. 146p.